

“O SANGUE DA MINHA LITERATURA É O MEU SANGUE, MAS É O SANGUE DE MUITA, MUITA, MUITA GENTE” - ENTREVISTA COM SILVIANO SANTIAGO

“THE BLOOD OF MY LITERATURE IS MY BLOOD, BUT IT IS THE BLOOD OF MANY, MANY, MANY PEOPLE” – INTERVIEW WITH SILVIANO SANTIAGO

Gabriela Rocha Rodrigues*

RESUMO: A entrevista com o escritor Silviano Santiago, realizada para a minha tese de doutorado (Rodrigues, 2019), versa sobre o processo de criação da personagem Graciliano Ramos, na obra *Em liberdade* (1981). A partir da leitura de *Mal de arquivo* (2001), de Jacques Derrida, cunhamos o termo *impressão graciliana* a fim de buscar os rastros deixados por Graciliano Ramos na escrita de Silviano. Verificamos que as *impressões gracilianas* apresentam-se como: impressão enquanto marca grafada no corpo – o cárcere; impressão enquanto escritura – o mal de arquivo; impressão enquanto herança – o papel do intelectual. Silviano assume o lugar do Outro para falar de si e adota o viés da superabundância nietzschiana como afirmação de vida e de criação artística. O escritor faz uma reflexão sobre os mecanismos de poder que fundamentaram períodos históricos importantes de nosso país e responde a Graciliano, à sua herança, às impressões deixadas *por ele*, aliando-se às suas reflexões quanto ao compromisso social do artista.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo. Memória. Liberdade. Impressões gracilianas.

ABSTRACT: The interview with the writer Silviano Santiago, conducted for my doctoral thesis (RODRIGUES, 2019), deals with the process of creating the character of Graciliano Ramos, in the work *Em liberdade* (1981). From the reading of Jacques Derrida's *Mal de Arquivo* (2001), we coined the term Gracilian impression in order to search for the traces left by Graciliano Ramos in Silviano's writing. We found that Gracilian prints are presented as: impression as a mark written on the body –prison;

* Doutora em Letras pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), Licenciada em Letras (UFPeL). Pós-graduada em Filosofia Moral e Política (UFPeL). Bacharel em Direito (UCPeL). E-mail: gabrielarochaliteratura@gmail.com

printing as writing – the evil of the archive; Impression as inheritance – the role of the intellectual. Silviano takes the place of the other to talk about himself and adopts the bias of Nietzschean superabundance as an affirmation of life and artistic creation. The writer reflects on the mechanisms of power that underpinned important historical periods in our country and responds to Graciliano, to his legacy, to the impressions left by him, allying himself with his reflections on commitment of the artist.

KEYWORDS: Archive. Memory. Freedom. Gracilian impressions.

INTRODUÇÃO

Silviano Santiago é um escritor brasileiro que possui vasta produção literária –ensaio filosófico, crítica literária, tradução, romance, conto etc. Seu reconhecimento, nacional e internacional, é inquestionável: recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (2013), o Prêmio Ibero-americano de Letras José Donoso (2014), no Chile, o Oceanos - Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa (2015), e em 2022 foi laureado com o Prêmio Camões, considerado a mais alta distinção da Língua Portuguesa.

Em sua obra é possível encontrar temas e questões que são abordados sob enfoques diversificados e uma multiplicidade de gêneros – desconcertantes até. “Você tá vendo que eu saio do convencional”, avisa Silviano em determinado ponto da entrevista concedida para esta pesquisadora.

Em 1955, o escritor publica seu primeiro conto, *Os velhos*, na *Revista Complemento*; em 1960, o livro de poemas *4poetas*, com Affonso Romano Sant’Anna, Domingos Muchon e Teresinha Alves Pereira e *Dois faces*, em parceria com Ivan Ângelo. Em 1970 publica a antologia de contos *O banquete*, o livro de poemas *Salto*, seguido do primeiro romance *O olhar* (1974). Em 1978, *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*, outro livro de poemas, seguido de *Uma literatura nos trópicos*, ensaios sobre dependência cultural. Em 1981 publica a ficção, *Em liberdade* (Prêmio Jabuti de 1981), *Vale quanto pesa* (1982), ensaios sobre questões político-culturais, o romance *Stella Manhattan* (1985), os ensaios *Nas malhas da letra* (1989), *Uma história de família* (1992), romance; o livro de poemas *Cheiro forte* (1995), *Viagem ao México* (1995), outro romance, além dos contos *Keith Jarrett no Blue Note – improvisos de jazz* (1996), e o romance *De cócoras* (1999).

Em 2004 publica dois livros de crítica literária e cultural, *O cosmopolitismo do pobre* e *A vida como literatura – o amanuense Belmiro*, além do romance *O falso mentiroso – memórias*. Em 2005, o livro de contos *Histórias mal contadas*, os ensaios, *Ora (dizeis) puxar conversa!* (2005) e *As raízes e o Labirinto da América Latina*, reflexão ensaística para pensar a nova configuração da América Latina no panorama global do século XXI. Publica *Heranças* (2008) e em 2010 o livro de contos *Anônimos*. Em 2012, *Jano, Janeiro*, ensaio sobre a obra de Machado de Assis.

Em 2013, lança *Aos sábados, pela manhã*, que reúne artigos publicados no *Sabático*, suplemento do Jornal Estado de São Paulo, de 2010 até 2013. Em 2014, publica *Mil Rosas Roubadas*. Em 2016, publica *Machado*, mistura de biografia e ensaio, que narra os quatro últimos anos da vida do escritor Machado de Assis. Ainda em 2017 publica *Genealogia da ferocidade*, ensaio sobre *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa. Atualmente, Silviano está trabalhando num projeto de Memórias, que consiste em sete livros que vão contar da infância até os dias atuais do escritor, além disso, vendeu os direitos autorais de *Machado* para Luis Carlos Barreto, que adaptará a obra para o cinema, sob a direção de Marcelo Santiago, sobrinho de Silviano.

A ENTREVISTA

Gabriela Rodrigues: O senhor recorda a primeira obra de Graciliano Ramos que leu?

Silviano Santiago: Olha, para dizer a verdade, no item *formação*, eu comecei primeiro no cinema, depois eu fui para a literatura. E fui, em primeiro lugar, só quando eu me matriculei na Faculdade de Letras; lá que eu comecei a ler de maneira mais orgânica e de maneira mais completa a Literatura Brasileira. Então eu me lembro que um dos cursos era sobre o romance regionalista brasileiro; e esse curso deve ter sido por volta de 1957, 58. E tendo como tópico o romance regionalista brasileiro foi nessa época que eu li, quase um atrás do outro, Graciliano Ramos, Raquel de Queiróz, Jorge Amado e Zé Lins do Rego. Quer dizer que eu li os quatro. O meu professor se interessava mais por José Lins do Rego. O curso girava muito em torno da obra de José Lins do Rego. E eu, desde então, eu me interessei por Graciliano Ramos, e foi bom que eu me interessasse por Graciliano Ramos naquele momento porque exatamente em 1962, quatro anos depois, depois de eu ter ido para começar a fazer meu doutorado na França, eu vou trabalhar nos Estados Unidos e ensinar Literatura Brasileira na Universidade do Novo México, em Albuquerque. E um dos alunos, Carlos Cortez, de origem mexicana obviamente, pelo nome, um dos alunos de pós-graduação quis fazer o mestrado em torno da obra de Graciliano Ramos. Então, já em 1962, 63, eu não vou poder precisar assim de memória, eu orientei uma tese de mestrado sobre *Memórias de Cárcere*, de Graciliano Ramos. Portanto, eu lidei muito com Graciliano Ramos como leitor e como professor, antes de me aventurar como escritor pela obra dele.

Gabriela Rodrigues: Qual a sua obra preferida de Graciliano Ramos?

Silviano Santiago: Aí depende, essas coisas eu não consigo ser fiel... Eu mudo de opinião. Eu acho que leitura depende muito, depende muito do contexto, eu diria, teórico, no que eu estou interessado, do contexto pessoal, o que me diz mais naquele momento, e ainda o contexto artístico, por assim dizer, quais são as questões sobre arte que me interessam naquele momento. Então, Graciliano Ramos, obviamente a primeira obra que eu li com mais cuidado, porque

eu estava orientando uma tese de mestrado, num país estrangeiro e, portanto, o aluno tinha muita dificuldade em compreender as coisas, foi *Memórias do Cárcere*. E obviamente eu estava bastante politizado naquele momento; eu estava voltando da Europa, onde eu tive contato com aqueles movimentos de independência dos países árabes, em particular da Guerra da Argélia..., que levou à Guerra da Argélia. E então eu estava com uma cabeça, sabe? Cheia de *tam moderne*, Sartre, a revista *Presences Africaines* – Presença Africana – que era a revista dos exilados africanos que moravam em Paris etc. Então você vê, eu tenho a impressão (eu te disse... recordar detalhes neste momento) foi uma leitura bastante política de Graciliano Ramos, em particular voltada para a questão da prisão, a questão da perseguição ao intelectual por parte do Getúlio Vargas etc. etc. Agora, o curioso que eu acho agora, em retrospecto, é que eu orientei essa tese um ano antes da tomada pelo poder dos militares, que foi em 64. Porque em 64 eu estava na Universidade de Rutgers, então é curioso né, como... de certa maneira havia a questão política no ar, e é verdade que, no Brasil, é um momento de Jango Goulart, e é o momento que leva exatamente a direita a fazer o que fez. Então, é curioso isso, essa sintonia. Mas eu devo dizer que, no momento em que eu estava escrevendo *Em Liberdade*, o livro de Graciliano que mais me, entre aspas, me influenciou foi... *Angústia*. É o livro que está mais próximo, ali, das minhas preocupações; porque é uma narrativa em primeira pessoa, diário íntimo, subjetivo etc. então aquela... o apanhado geral político eu já tinha de certa maneira, da minha leitura relativamente recente de *Memórias do Cárcere*. O que eu não tinha exatamente era aquele universo psicológico, um universo um tanto paranóico... de Graciliano Ramos. Então, *Angústia* foi um livro importante.

Gabriela Rodrigues: Quais são as principais qualidades do escritor Graciliano Ramos?

Silviano Santiago: É difícil, porque, para mim, pessoalmente, a grande qualidade era que ele possibilitava que, numa época que eu estava saindo da vanguarda – não sei se você sabe, eu fui muito amigo dos poetas concretos, eu cheguei a publicar na *Revista Invenção*. Naquele momento, foi a possibilidade de eu combinar com um projeto extremamente audacioso, que era um diário íntimo falso, com um autor que tinha um português clássico, perfeitamente assimilável pelo leitor, ponhamos, médio ou inteligente, da época. Então, me interessou muito o fato de um português de altíssima qualidade no momento também em que eu regressava de um período de doze anos no estrangeiro, onde eu pouco falei português. Quer dizer, então foi uma reentrada minha, não só no português de alto nível de Graciliano Ramos, como foi também uma maneira de me aproximar de uma maneira mais forte e mais intensa do português falado no Brasil literário.

Gabriela Rodrigues: Na década de 30, ocorreram vários fatos históricos que mudaram a configuração do Brasil em termos políticos, sociais e culturais: a Revolução de 30, a ascensão de Getúlio Vargas ao poder (a criação do Ministério do Trabalho, Ministério da Educação e

Saúde), entre outras. O senhor poderia falar sobre as mudanças na literatura nessa época e como surge a figura do Graciliano nesse período?

Silviano Santiago: Claro, claro que posso, vamos ver: em primeiro lugar, você saltou um movimento importante, que é São Paulo em 1932. [Gabriela Rodrigues: São Paulo e Minas]. É. São Paulo e Minas. Para mim é um momento muito importante porque eu sou um estudioso de Drummond e Mario de Andrade. E a correspondência de Drummond, que é particularmente mal lida nesse período, é extremamente rica para a análise da postura do intelectual naquele momento, em que estão em jogo os valores da Revolução de 30 e os valores da Revolução Constitucionalista Paulista. Eu diria que Graciliano Ramos nasce exatamente desse confronto: de um confronto de uma certa hegemonia brasileira dada pelo Rio Grande do Sul associado a Minas Gerais ou por São Paulo. E, nesse sentido, eu vejo na literatura brasileira, uma decalagem muito forte, entre uma preocupação pelo Estado nacional, pela nação, que está na década de 1920, *Poesia Pau-Brasil*, *Macunaíma*, e assim por diante, essa preocupação de abranger o Brasil, de compreender o Brasil, de dar um corpo ao Brasil, de dar uma sensibilidade ao Brasil, que é bem década de 30, 20, perdão. E na década de 30 uma fragmentação em regiões. Eu acho então, que Graciliano Ramos faz parte dessa fragmentação em regiões e deve ser, nesse sentido, estudado, no conjunto de que muitas vezes se escapa aos críticos e aos historiadores. Aí, esse conjunto seria, é claro, aquele a que ele pertence, nós todos sabemos, que é o famoso romance regionalista nordestino, mas também existe o romance do sul, de que é belo exemplo, Érico Veríssimo, e ainda, existe o romance de Minas Gerais, de que é outro notável exemplo, Cyro dos Anjos. E assim, sucessivamente; quer dizer, haveria necessidade de mapear a literatura brasileira por regiões para melhor compreender a gênese, o aparecimento de Graciliano Ramos. O que é notável é que em todos esses grupos há como que uma rejeição do português literário vanguardista. Todos eles, repare, escrevem um português que na falta de outra palavra, eu chamaria, machadiana. Érico Veríssimo, no Sul; Cyro dos Anjos, em Minas Gerais e Graciliano Ramos, no Nordeste. Quer dizer, então, Graciliano Ramos é capaz de trabalhar, de fazer uma conjugação entre região e idioma nacional; sendo que, no tocante ao idioma nacional – muito menos do que querer dar uma visão de Brasil; ele está interessado em dar uma visão de região – mas no tocante ao idioma ele está interessado em apreender a nação. E nesse sentido, é curioso também que ele vai rejeitar o postulado inicial dos anos 20, que são as vanguardas europeias.

O primeiro livro de Graciliano Ramos, ou pelo menos o primeiro livro publicado de Graciliano Ramos, o primeiro romance publicado de Graciliano Ramos é *Caetés*, e todos são unânimes, inclusive, o primeiro a chamar atenção para isso, o professor Antonio Candido, são unânimes em dizer que a influência maior em Graciliano Ramos é Eça de Queiroz. Entende? Então é uma defasagem também muito..., um deslocamento muito interessante, daquela linguagem européia que está vinculada a desregramentos da linguagem vanguardista, ele – Graciliano Ramos –, se interessa por um grande estilista do século XIX, ele não se interessa tanto por

Machado de Assis, pelo menos ele o diz textualmente, que não se interessa tanto por Machado de Assis. Ele se interessa, possivelmente, até pelas posturas políticas de Eça de Queiroz, onde Machado costuma ser até um pouco refratário a um comentário político da atualidade; você vai encontrar isso muito mais nas crônicas e não no romance. E Eça de Queiroz é muito mais afeito ao comentário político da atualidade. Talvez esteja aí o ponto que mais atrai Graciliano Ramos. Eu pessoalmente acho que mais do que o romance, Graciliano Ramos ficou muito atraído pelas crônicas que ele escreve da Irlanda, onde Eça analisa o poder que o Reino Unido, a Inglaterra, exerce sobre os irlandeses, levando-os a uma grande pobreza. E as crônicas de Eça de Queiroz escritas naquele momento e publicadas até no Brasil, ele naquela época publica muitas de suas crônicas em jornais brasileiros. Elas de certa maneira podem desenharem para Graciliano Ramos as críticas que ele fará ao latifundiário nordestino. Então, eu acho essas questões, a gênese de Graciliano Ramos, eu colocaria estaria nessas coordenadas que eu levantei um pouco apressadamente, quer dizer, teria que desenvolvê-las com mais cuidado.

Gabriela Rodrigues: O que o levou a escrever, *Em liberdade?* Qual é o germen desse texto, porque decidiu: *Vou escrever*.

Silviano Santiago: Olha, para falar a verdade, de novo eu tenho que dizer que a primeira ideia não foi Graciliano Ramos. Eu sou mineiro, e a minha primeira ideia foi escrever o diário íntimo do poeta Cláudio Manuel da Costa. Essa foi a minha primeira ideia. Por razões óbvias. O que era evidente, no entanto, é que eu estava interessado... e nesse sentido, o que eu disse sobre o Machado pode ser aplicado a mim também, eu tenho muita dificuldade em trabalhar no romance contemporâneo. O que é contemporâneo. Então, eu queria tratar, obviamente, do Caso Herzog, Vladimir Herzog. Porque eu tinha feito muitas leituras dos autos de devassa. E há uma versão do primeiro auto de devassa que é pouco conhecido dos historiadores, hoje está mais conhecido, mas naquela época era pouco conhecido, e que você, fazendo uma leitura muito cuidadosa, você vai descobrir que certamente Cláudio Manuel da Costa foi assassinado. Ele não foi... ele não se suicidou; em outras palavras: ele foi suicidado, assim como Herzog. Porque a descrição nesse auto de devassa não é a versão segunda, é uma versão primeira que é feita na própria província, dá como ele tendo se suicidado com os joelhos na mesa; se ele estava com os joelhos na mesa obviamente... ele não se suicidou. Quer dizer: ele foi colocado ali, até mesmo, de uma maneira, talvez até para não despedaçar o pescoço, então eles tomaram a devida precaução. Então esse foi o que me interessou naquele momento, entende? Há questões de caráter particular, se você quiser, depois eu volto a elas, mas eu vou falar mais das questões de caráter histórico e literário. É... e então eu me dei conta, cheguei a escrever, algumas páginas desse diário íntimo de Cláudio Manuel da Costa, eu as mostrei a um então aluno meu, na época, que é o Geraldo Carneiro, o poeta, o futuro poeta Geraldo Carneiro, e tradutor, ...poeta e tradutor. Eu as mostrei para ele etc., discutimos e tal, e me dei conta que seria uma metáfora muito distante do presente para ser bem compreendida pelo leitor da época. E, é claro, deve ter surgido a ideia, eu já tinha inclusive orientado tese, surgiu a ideia

de *Memórias do Cárcere*. Eu percebi então, que seria mais interessante eu trabalhar com um intelectual da década de 30. Estaria mais próximo, numa leitura metafórica, do que aconteceu no Brasil a partir de 1964. E então esse foi o movimento. E era um problema me adaptar ao estilo de Graciliano Ramos, a visão de Graciliano Ramos. Quer dizer, por sorte eu tinha sido um bom leitor dos nordestinos, dos grandes autores nordestinos e de Graciliano Ramos, e eu era professor universitário desde 1962 e, em 1975, quando eu começo a bolar o *Em liberdade*, eu sou professor na PUC, no Rio de Janeiro, portanto, eu continuava a ensinar, e continuava a ensinar Literatura Brasileira. Há um interregno na minha carreira profissional em que eu ensino Literatura Francesa; mas eu volto a ensinar Literatura Brasileira e obviamente um dos temas que eu mais trabalho é a literatura contemporânea e em particular a literatura política dos anos de 1930. Também começo a me interessar, do ponto de vista teórico, nos meus primeiros trabalhos, nas minhas primeiras leituras, na questão da biografia, da autobiografia, do memorialismo. Então há essa conjunção. Eu dei um curso sobre biografia e memorialismo por volta de 75, 76, não vou me lembrar bem. Então essas conjunções, essas conjunções me levam a privilegiar Graciliano Ramos; e em particular eu gostaria, tendo sido introduzido à literatura pelo viés da vanguarda, eu gostaria de que meu o livro não fosse simplesmente uma biografia no sentido tradicional do termo. Foi aí que eu bolei a possibilidade de um diário; mas esse diário teria que ser naturalmente, íntimo, porque não tinha sentido que eu fizesse um diário da minha leitura, ou até teria, mas seria uma coisa, a meu ver, fria, do ponto de vista de vanguarda. E aí que eu comecei a fazer um diário, pensei num diário íntimo; um diário íntimo porque teria de ser necessariamente falso. Mas tinha que ser verossímil. Se não fosse verossímil ficaria ridículo. Então, a verossimilhança eu encontraria, se por acaso eu usurpasse o estilo dele. Eu fiquei seis meses então, lembro bem, imitando o estilo de Graciliano Ramos, até acreditar que tinha chegado a um estilo semelhante ao dele e que poderia, então, começara a redigir o romance. Repare que nada tinha mais a ver com aquele projeto inicial em torno de Cláudio Manuel da Costa, mas aquele projeto inicial vai reaparecer na segunda metade de *Em liberdade*, quando eu faço, aí é totalmente falso, Graciliano Ramos querer escrever a morte de Cláudio Manuel da Costa num romance que, obviamente ele nunca acaba de publicar porque nunca foi publicado o diário falso enquanto tal.

Gabriela Rodrigues: Quanto tempo durou a criação dessa ficção, computando pesquisa e escrita?

Silviano Santiago: Cinco anos. Cinco anos [repete]. É talvez o livro meu que eu mais tempo levei. Mas a redação foi rapidíssima. A redação foi rapidíssima porque eu já tinha tudo planejado, anotado, tinha que ter, porque tudo tinha que ser milimetrado, porque a verossimilhança era muito importante. Então tinha o dia da saída da prisão, tinha o dia de encontro com Zé Lins do Rego, as pessoas que o visitaram etc. Tudo isso é muito verossímil. A segunda parte é menos verossímil. Mas na primeira parte tudo busca ser verossímil. Eu tinha lido muito jornal, tinha lido muita revista, até para poder tirar assunto, que filmes possivelmente eles viram, com quem

eles possivelmente conversaram, teria havido ou não havido o encontro de Graciliano Ramos com Drummond no elevador do Ministério da Educação, que era na Cinelândia. Entende? Então estava tudo, por assim dizer, cronometrado, num grande esquema. E eu tive a sorte de ganhar uma bolsa, da PUC, com o governo francês, para passar três meses na França. E eu fui para França então, para Paris, e passei três meses, mais ou menos, se não me engano, de dezembro a começo de março de 1979 para 80, e durante esses três, quatro meses, eu escrevi *Em liberdade*, inteiro. Quando regresssei ao Brasil eu tinha o livro inteiro. Isso também eu fiz de propósito porque... as primeiras, os melhores amigos a quem eu apresentei a ideia disseram que eu estava louco. Que eu estava to-tal-mente louco [ênfase]. Então eu fiquei com receio de escrever o livro no Brasil – eu gosto de comentar com as pessoas o que eu estou fazendo – e eu fiquei com medo de... de repente haver uma repressão tão violenta que eu acabasse não fazendo o que eu queria fazer e fizesse outra coisa que fosse meio água morna. Então eu acho que foi bem proposital eu ter ido para Paris, e ter trabalhado loucamente durante três, quatro meses, e depois voltado com o manuscrito completo.

Gabriela Rodrigues: O título. Por que a escolha desse título *Em liberdade*? A intenção era demarcar a condição jurídica do Graciliano ou a impossibilidade *dele* de se sentir realmente livre? O senhor queria libertar o Graciliano?

Silviano Santiago: Eu acho que foi um título feliz. Por que ele... Eu escrevendo *em liberdade*, entende? Que é importante isso, eu escrevi *em liberdade*, eu me senti... sabe, as amarras que eu sentia eram as amarras sociais que podem, que metaforicamente podem ser equivalentes às amarras políticas. E... *Em liberdade* eu queria que fosse um Graciliano Ramos muito diferente do Graciliano Ramos de *Memórias de Cárcere*, porque ali ele está na prisão e ele nunca escreveu sobre o que é a liberdade. Seria também *Em liberdade* como uma espécie de resposta a toda uma literatura que vem aí desde muito... sobre o fato de que o escritor tem mais prazer em escrever sobre o momento em que ele está na prisão do que no momento que ele deixa a prisão. Me refiro, inclusive, a coisas assim mais variadas, como Dostoiévski, e por aí vai. E tem uma questão também, muito literária: o que é trabalhar a liberdade literariamente, ficcionalmente, o que é isso? *Em liberdade* é também o momento em que os guerrilheiros brasileiros regressam ao Brasil e eles são obrigados a enfrentar o que o Graciliano Ramos enfrentou em 37. O que fazer depois de você ter a família desbaratada, de você estar sem dinheiro, sem emprego, sem nada, o que fazer? Então, eu tenho a impressão de que é um título que foi bastante feliz. Ele tem uma carga semântica muito variada, quase infinita.

Gabriela Rodrigues: Por que a escolha do pastiche e não da paródia? No pastiche não existe uma prisão da linguagem?

Silviano Santiago: Foi uma homenagem. Eu acho que o pastiche é um texto irônico; é um texto que repudia aquilo de que você se aproxima, de que o autor se aproxima, seja ele poeta, seja ele romancista. E a paródia... essa é a paródia. E o pastiche não; o pastiche é uma homenagem,

quer dizer, você pretende assumir como sua, aquela prisão estilística que o escritor deu a ele. Então, no caso de Graciliano Ramos, eu assumi a prisão estilística que Graciliano Ramos concedeu a ele. Eu acho que são estéticas bem distintas. E de maneira nenhuma o livro poderia ser enquadrado na década de 20, na relação dos modernistas brasileiros, ou Romantismo ou Gonçalves Dias, ou o que seja, eu me relaciono com um autor que eu reputo sendo aquele que teria o estilo que eu mais invejava.

Gabriela Rodrigues: O senhor teve contato com os familiares de Graciliano antes ou após o lançamento do livro?

Silviano Santiago: Só após. Como também com todos os possíveis personagens do livro. Os personagens são desenhados – eu gosto da palavra estofados, como se diz de um sofá – os personagens são desenhados, são estofados. A partir de minhas leituras, por exemplo, José Lins do Rego está todo trabalhado a partir das minhas leituras muito cuidadosas da obra de Zé Lins do Rego, eu nunca o vi em vida, não fui atrás dos familiares, ou de pessoas que o conheciam, para que me fizessem relatórios etc. quer dizer, eu acho importante nesse tipo de livro que eu faço, que o universo seja sempre o universo do leitor, não o universo do investigador, entende? E na medida, e eu acredito, e eu acredito piamente, de uma maneira cabotina (eu tenho que dizer), eu acredito que você entende melhor, figuras como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, ou Carlos Drummond de Andrade, se você os lê muito, muito bem, do que se você os conhecesse e trabalha com depoimentos de amigos e familiares. Eu tenho a impressão de que a relação de José Lins do Rego com a doença, eu a senti de maneira muito mais fortemente na leitura dos próprios romances dele do que alguém me contando que ele era asmático. Como é que eu vou estofar um personagem só como o fato de que ele é asmático, quer dizer... Eu entrava na asma de Zé Lins do Rego, para falar de um personagem que era relativamente secundário, eu entrava naquela asma, por uma leitura muito cuidadosa da relação de Zé Lins com as doenças, sejam elas doenças do mundo, as chamadas doenças do mundo, seja ela: a asma. Como entrei no universo de Heloísa através das cartas que ela escreveu para Graciliano Ramos e obviamente das cartas de Graciliano Ramos escreveu para ela. Quer dizer, portanto, o meu conhecimento do, entre aspas, “amor” entre eles é o conhecimento que me foi dado por essa troca de cartas, essa troca de mensagens, esse abrir-se para o outro, entende? Esse abrir-se para o outro que se dá na carta. A carta é isso: você abre para o outro e deixa que o outro entre no seu próprio mundo. Então eu fiz que as cartas entre eles se abrissem para mim – e eu entrei. É por isso que eu acho que o relacionamento entre Graciliano e Dona Heloísa é bastante verossímil.

Gabriela Rodrigues: Silviano Santiago, o que o senhor conheceu de si próprio ao escrever *Em liberdade*?

Silviano Santiago: Aí é um dado um pouco delicado. Eu não me recuso a dar um dado delicado quando a pergunta tem um sentido. É que... Eu nunca fui uma pessoa de partido, eu acho que eu tenho um pensamento muito politizado, acho que tenho algum conhecimento de Filosofia

etc. mas nunca fui uma pessoa de partido, nunca fui um militante político. Mas eu tenho um irmão mais novo que é militante político, e ele foi preso e torturado durante a repressão militar. [Gabriela Rodrigues: Rodrigo Santiago...] Não, não, não, é Haroldo Santiago. O Rodrigo foi também, mas ele era ator de teatro, mas o Haroldo não, o Haroldo era secretário do Partido Comunista em Minas Gerais, então ele foi realmente perseguido, foi encarcerado, o Rodrigo nunca foi encarcerado, foi punido. Então nesse sentido... era quase que uma homenagem direta a ele. Porque a vida dele foi arruinada, e ele têm três filhos, e os três filhos, como você pode imaginar, tiveram descaminhos, como os descaminhos dos filhos de Graciliano Ramos etc. É, quer dizer, eu queira me conhecer participante desse universo, embora do lado de fora, que é o mesmo exercício do livro... quer dizer, é um livro portanto, de participação política, mas uma participação política não por eu ser, por eu ter, por eu ser militante, mas por eu militar nas Letras. Algumas pessoas podem ver nisso um sinal de covardia, e eu não direi que eu seja uma pessoa muito corajosa, eu sou relativamente covarde com relação à militância política. Essa é a pura verdade. E tive um outro irmão, como você lembrou, Rodrigo Santiago, que era ator de teatro, fazia *Roda Viva*, de Chico Buarque de Holanda, com a Marília Pêra, e os dois foram desnudados e foram colocados nus durante o inverno, numa rua de São Paulo, pelo Comando de Caça ao Comunismo, o CCC, e ele obviamente teve que deixar o país e ficou morando na Itália e no Egito, por uns três ou quatro anos, só depois que ele voltou. Então tem esse lado, entende? Assim, é um pouco complicado, é muito mais um romance familiar, do que um romance... Mas eu repito: eu já te disse, eu tenho uma certa dificuldade em trabalhar o contemporâneo. Eu prefiro trabalhar com o contemporâneo de uma maneira metafórica, simbólica. Eu acho que a gente até compreende melhor o contemporâneo quando não, não tenta adequar o livro a uma única personalidade; há um jogo amplo que eu acho que tem em *Em liberdade*. *Em liberdade* é um grande painel sobre as relações entre o poder e os intelectuais no Brasil.

Gabriela Rodrigues: Falando nisso, desses eixos ou alinhavos temporais, em *Em liberdade* aparecem diversos períodos de autoritarismo da história do Brasil (a ditadura de Vargas; a repressão à Inconfidência Mineira e o “suicídio” de Cláudio Manuel da Costa, que dialoga com o “suicídio” do Herzog, pelo aparelho repressivo do Estado, durante a ditadura de 64. E ainda, o momento da ditadura que se convencionou chamar de “abertura” com a publicação do diário falso de Graciliano. O senhor pode falar um pouco sobre esses eixos?

Silviano Santiago: São três momentos que saltitam na História do Brasil, entende? Você vai ter outras situações históricas de enorme importância onde a violência não saltita com tanta força. Como é o caso clássico da Independência do Brasil, da Proclamação da República e da Abolição da Escravidão. Quer dizer, é a oposição entre uma história que é escrita do ponto de vista do poder e uma outra história em que os intelectuais se juntaram e escreveram, que é a Inconfidência Mineira, é a resistência à Ditadura Vargas, ao Estado Novo, e o período de

resistência à Ditadura Militar de 64. Quer dizer, então, o livro é sobre isso: uma história brasileira que é mais cruenta do que a gente acredita, entende? Ou que nos querem fazer acreditar.

Gabriela Rodrigues: *Em liberdade* mistura ficção, autobiografia e ensaio. Fausto Cunha, da revista *Status*, chegou a dizer que: “*Em liberdade* é um desses livros que criam sua própria categoria literária”. Por que o senhor optou por essa mistura de gêneros?

Silviano Santiago: É, quer dizer, não é uma opção; é um caminho. É um caminho que eu desenhei a partir das... Borges diria *senderos*, dos atalhos que eu fui abrindo dentro da minha atividade de professor, dentro da minha atividade de leitor crítico, dentro da minha atividade de escritor. Então, eu fui abrindo certos atalhos e ao abrir esses atalhos eu me dei numa espécie de praça de oportunidades. Essa praça de oportunidades me possibilitava, e aí eu tenho de voltar ao título, uma liberdade muito grande, porque eu não precisava de seguir e dar força a apenas um dos atalhos que eu estava percorrendo, eu podia dar força, eu quis dar força a todos os atalhos. Então eu estava muito interessado na questão da subjetividade. Eu tenho uma dificuldade enorme de fazer autobiografia, então eu pensei em uma maneira de dar um salto por cima da autobiografia e cair no diário íntimo falso. Por outro lado, eu não tenho a possibilidade de escrever um texto que fale da experiência do ponto de vista da minha experiência pessoal como político participante, porque eu não fui político participante, então eu não tenho essa experiência. Eu teria que invocar uma outra experiência e eu invoquei então, três novas experiências que explicitariam a mim se, por acaso, eu fosse participante. Mas como eu não sou participante, eu tive de pedir ajuda a eles. Sei lá, você não acredita em Deus, mas num determinado momento você tem necessidade de recorrer a Deus, então, eventualmente você pode pedir ajuda a um padre. Eu pedi ajuda a esses três para poder conversar, de uma maneira muito subjetiva e muito pessoal, com a política. Só que não é uma maneira que traduz a minha experiência; quer dizer, a minha experiência é uma experiência de leitor. É a minha experiência de contato com o outro, não é isso? E um terceiro fato que eu julgo muito importante, que seria a possibilidade também de trabalhar questões familiares que eram muito angustiantes e que eu não sabia como tratar exatamente porque eu não sou participante, então volta sempre essa ideia de que há uma carência muito grande na minha personalidade, de participação. É essa carência... é que fala, entende? É essa carência que me motiva. E que motiva a meu ver uma literatura, uma ficção política que não é das piores. Quer dizer, sem isso, eu não sei se essa ficção não seria pior.

Gabriela Rodrigues: *Em Memórias do Cárcere*, Graciliano diz: “Eu queria endurecer o coração, eliminar o passado, fazer com ele o que faço quando emendo um período, riscar, engrossar os riscos e transformá-los em borrões, suprimir todas as letras, não deixar vestígios de memórias obliteradas”. É possível para um escritor “endurecer” o coração? O escritor não é escritor *justamente* porque não consegue fazer isso?

Silviano Santiago: Não, aí é uma questão filosófica que você coloca. Quer dizer, eu acho delicada a questão porque eu não gostaria de dar uma resposta simplista. Eu acho que o escritor não é necessariamente uma figura sentimental. Eu me aproximo mais do escritor que seja um estóico. Há um texto que eu admiro muito, e a que eu recorro com constância, é *A terceira margem do rio*. Eu acho que o lugar do escritor é o lugar da terceira margem do rio, ou seja, é o lugar do trabalho e da solidão. Você remar contra a corrente para não morrer. Porque, no momento em que você vive numa barca e aquele rio caminha para o mar e te leva para o mar onde está tradicionalmente a morte... Se isso acontece, você já não tem mais forças, você já... sabe? Você se entregou. Você entregou sua vida. Então, o que eu acho importante no escritor é remar contra a corrente, remar contra a corrente do estilo em vigor, remar contra a corrente das manifestações literárias e de cunho artísticas em vigor, remar contra a corrente de um modo passadista de pensar a atualidade. Remar contra a corrente dessas ligações sentimentais, que por ser demais sentimentais, muitas vezes são muito egoístas. O escritor é aquele que deixa a família lá na margem, a mulher e os dois filhos, e fica na solidão daquela canoa, remando contra a corrente dia e noite, com intempérie, sem intempérie; é claro, ele não recusa um filho que o alimenta todos os dias, que vai deixar na margem a alimentação para ele sobreviver, porque na canoa ele não teria sobrevivido. Então é um pouco isso, entende? Eu acho o escritor pouco sentimental. Como figura, não é? Como figura, pouco sentimental. Uma figura mais estoica, uma figura dura com o mundo.

Gabriela Rodrigues: Em carta à irmã Marili, datada de 23 de novembro de 1949, Graciliano faz a crítica de um romance escrito por ela e expõe as motivações que devem fundamentar a obra de arte:

Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso, não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos. E você não é Mariana [personagem do conto escrito por Marili], não é da classe dela. Fique na sua classe, apresente-se como é, nua, sem ocultar nada. Arte é isso (Graciliano Ramos *in* Moraes, 2012, p. 230).

Então eu lhe pergunto: o que é arte para Silviano Santiago? E quais as motivações que fundamentam a sua arte? Gabriela Rodrigues: Arte é sobrevivência?

Silviano Santiago: Arte é sobrevivência. É arte para sobrevivência, eu tenho uma compreensão mais ampla do que seja a experiência em torno da arte. Porque eu acho que o Graciliano Ramos que está *Em Liberdade* sou eu, por paradoxal que isso possa parecer, entende? Mas não sou eu com minha experiência, mas com a experiência dele, experiência esta que eu apreendi na leitura dele e de tantos outros autores. Nesse sentido, minha literatura é muito mais próxima de Carlos Drummond de Andrade. Você deve conhecer aquele célebre poema *Infância*

[meu pai montava a cavalo, etc. Eu sozinho, menino, de maneira que ia cumprindo a história de Robinson Crusóe, história que não acaba mais]. Quer dizer, me interessa essa capacidade que o escritor tem de viver no outro, ou de maneira como Rimbaud colocou “O eu é o outro”, entende? Por outro lado, quer dizer, eu concordo com as outras coisas que ele disse, quer dizer... desde que eu não tome a palavra sacrifício de uma maneira cristã. Eu odeio o sacrifício no sentido cristão. Mas existe um sacrifício, a meu ver, é tão forte, o sacrifício da perda da vida, que é o sacrifício de você..., um pouco é um paradoxo, eu trabalho muito com paradoxos, de você abusar da vida. O abuso da vida não deixa de ser um modo de você sacrificar o seu corpo, de pôr o seu corpo à prova. O sacrifício de Cristo é isso, ele colocou o seu corpo à prova de uma fé, à prova de certas ideias. Só que eu vejo esse sacrifício de maneira oposta, eu vejo esse sacrifício como abundância de vida, mas tal superabundância de vida que isso desgasta, suponhamos, a saúde do corpo, ou – para ficar bem concreto – sacrifica o corpo. Quer dizer, o sacrifício para mim vem da superabundância, entende? De eu querer não só me contentar com minha própria vida, remoer os meus próprios problemas, sentimentos etc., mas de eu ser capaz de empatia, simpatia, e querer viver muitas vidas ao mesmo tempo, a tal ponto, que eu não chego... eu sacrifico minha vida. Entende? Eu sacrifico minha vida em favor de quem? Eu sacrifico minha vida a favor do outro. Então, são formas de sacrifícios que me fascinam e que, a meu ver, estão muito mais próximas de querer explicar, a metáfora também está aí, do sangue. O sangue da minha literatura. O sangue da minha literatura é o meu sangue, mas é o sangue de muita, muita, muita gente. Entende? E acho que não é por causalidade que eu sou hipertenso. Eu já pensei nisso. Eu sou hipertenso porque a tensão sanguínea no meu corpo é tão tamanha que um dia (já está sacrificando meu corpo) é certo que eu vou morrer de hipertensão arterial, não há como... entende? Não há como eu não morrer de hipertensão arterial. Agora, essa hipertensão é isso, é a capacidade de um transbordamento do sangue. As pessoas têm pressão baixa, pressão normal; eu tenho hipertensão. Porque isso é um estar num mundo sacrificial, que é estar no mundo do escritor, ou do artista.

Gabriela Rodrigues: E qual o papel do intelectual para Silviano Santiago?

Silviano Santiago: É, quer dizer, o intelectual eu acho que continua aquela coisa bem simples, de que é alguém que decide pensar e acredita que o seu pensamento possa ter algum peso e até formar opinião, mas que sabe, ao mesmo tempo, que qualquer arrogância, qualquer atitude de convencimento, não pode se valer da força. Quer dizer, o intelectual é aquele que acredita que as ideias podem mover o mundo, ao passo que o economista, obviamente é um intelectual também, mas que acredita que o dinheiro movimenta o mundo. Quer dizer, eu acho que o intelectual aproveita a visão do mundo, de uma dedução, no sentido financeiro, de uma dedução de atividades que lhe dá os cientistas sociais. Então, ele tem uma dedução, entende? Ele trabalha com um universo deduzido, mas esse universo deduzido, as preocupações concretas, com a política, com a economia etc., ele é capaz, no entanto, de dar um salto, um salto qualitativo, porque, ao contrário desses, entre aspas, “ditadores de comportamento”,

ele é uma figura essencialmente democrática. Porque tanto o economista quanto o cientista político são ditadores de pensamento, são aqueles que têm a arrogância a que eu me referi, e querem convencer o outro de suas ideias pela força.

Gabriela Rodrigues: Desde os primórdios do processo de desenvolvimento brasileiro, o crescimento econômico tem gerado condições extremas de desigualdades espaciais e sociais, que se manifestam em todas as áreas: saúde, educação, cultura, moradia, emprego, enfim, na qualidade de vida da população. Em sua opinião, quais são os cárceres do Brasil hoje? Se é que existe algum. Quais são os obstáculos? A desigualdade, pessoalmente, eu considero um cárcere.

Silviano Santiago: Não, não, a palavra está boa. Mas aí, eu acho que existe muita novidade. Você está fazendo uma leitura muito dura do Brasil. Eu acho que é importante que alguém faça essas leituras duras para contrapor obviamente às leituras que eu chamo de molengas de Brasil que são as leituras que são feitas pela Globo, por jornais etc. Eu acho que não dá para acreditar nas leituras molengas de Brasil, como o nacionalismo de fachada – criticado por Graciliano Ramos – esse nacionalismo de fachada você vê o tempo todo, no particular, na imprensa, na imprensa brasileira, na grande imprensa brasileira, o tempo todo. Agora, a dificuldade está em poder mostrar que essa interdependência pode gerar um pensamento que seja menos pessimista, entende? Quer dizer, não é que eu seja, profundamente otimista, mas eu acho também que essa visão por demais negativa precisa ser contrabalançada por uma visão mais afirmativa; mas quando eu digo afirmativa não quer dizer que você vai afirmar o convencional, o que é dado como convencional. É descobrir certas brechas. Descobrir certas brechas que, dentro dessa miséria geral, dentro do cárcere, para usar a sua metáfora, certa brecha que possa, eventualmente, iluminar melhor certas vidas para que elas não caiam no desespero. Então, eu sou a favor de que você não precisa trabalhar só os grandes problemas, você pode trabalhar as brechas, como, por exemplo, se você quiser, você vê isso muito bem na arte da rua; é uma maneira de você trabalhar uma brecha, não vou dizer que a condição da favela melhorou, entende? Não melhorou, absolutamente não, mas pelo menos há uma determinada brecha em que as pessoas podem ter a sua alegria, podem ter a sua satisfação, as pessoas podem mostrar a sua imersão. Podem mostrar a sua condição de ser humano, por assim dizer, de animal, vivendo ali na favela. Então, nas coisas que eu faço, em particular no romance..., há uma série de contos que eu escrevi muito recentemente chamada *Anônimos*. Eu acho importante também, numa época de celebridades, uma época em que as celebridades são tão generosas e tão participativas e tão caridosas, entende? Eu acho importante que a gente jogue luz sobre essas figuras anônimas do cotidiano, obviamente são figuras apagadas, não tem uma importância coletiva. Não tem importância coletiva, mas tem uma vida interessante, que representam uma brecha de luz. Eu gosto de trabalhar essas coisas, como escritor. Acho que *Em liberdade* tem uma passagem que eu gosto muito, que quase nunca é analisada, que é um diálogo de Graciliano com um bêbado. É essa capacidade de você compreender, quer dizer,

um bêbado é uma revolta que se apresenta de uma maneira tão desviada, mas que é uma forma de revolta. É a superabundância, aquilo a que eu me referia. A superabundância do prazer, isso me torna um viciado. Eu acho essas figuras tão interessantes de serem analisadas como brecha, como brecha de uma irresponsabilidade, já que todo mundo é tão responsável, sabe? Não deixa de ser uma irresponsabilidade, mas uma irresponsabilidade afirmativa, entende? A palavra que eu uso, não é positiva, é afirmativa, afirmação da personalidade. Você está vendo que eu saio do convencional.

Gabriela Rodrigues: Bem, eu vou fazer essa pergunta, mas eu acho que o senhor já respondeu. Em algumas passagens de *Memórias do Cárcere*, Graciliano é levado de cárcere a cárcere sem justificativa alguma e, nessas situações, ele faz a mesma pergunta aos guardas que o conduzem: “*Para onde?*” Ora ele recebe uma resposta evasiva, ora não recebe resposta alguma. Ou seja, não há perspectiva no horizonte, apenas a dúvida. O senhor é atuante como cidadão, intelectual e isso nos desafia a fazer mesma pergunta que Graciliano faz em suas *Memórias*: *Silviano, para onde? Qual a sua expectativa em relação ao futuro do país?*

Silviano Santiago: Você está perguntando a uma pessoa que tem 78 anos. É quase uma maldade da sua parte <risos>. Não, eu estou brincando, por favor. Quer dizer, não compete a mim, compete à nova geração. Compete a mim fortalecer a nova geração, isso que eu me referia como superabundância de vida. Você ser capaz de viver a sua vida, que já está meio descendo... em vidas muito mais fortes, mais alegres, muito mais afirmativas, que é a vida dos jovens. É a única coisa que você pode fazer e eu acho que durante a minha vida eu procurei fazer isso, minha vida profissional, foi sendo professor, entende? É quando você ajuda a formação de novas gerações, eu acho que ajudei na formação de, pelo menos, no Rio de Janeiro, ajudei na formação de novos professores e me sinto muito orgulhoso disso. E são a eles, possivelmente aos filhos e netos deles que eu perguntaria *Para onde?*. Quer dizer, é uma tarefa tão hercúlea, é uma tarefa tão violenta, e ao mesmo tempo, tão redentora, que, em primeiro lugar, não cabe a uma pessoa, cabe a uma geração, não só de escritores, mas a uma geração de cidadãos brasileiros. Só uma geração de cidadãos brasileiros é que pode saber para onde conduzir o Brasil. E essa nova geração tem entre 20, 30 anos, daí a grande beleza da própria vida humana, que você, a partir de determinado momento,... Antonio Candido representa muito bem, por uma metáfora que eu gosto, que é a corrida de revezamento, você vai entregando o bastão, quer dizer, os meus próprios ex-alunos estão entregando o bastão; essa entrega do bastão é que é a graça do *Para onde?* - eles é que vão, compete a eles correr agora, compete a eles sair em busca da vitória. A corrida de revezamento é um pouco isso, quer dizer, até onde o esforço humano pode conduzir e é claro que ele não vai conduzir a uma redenção, em uma geração não vai. Aí, nesse sentido, eu sou muito machadiano, essa sucessão de gerações é que é bonito, me encanta a sucessão de gerações, mais do que o caminho a ser atingido ou o ponto a ser atingido. O ponto a que se deve chegar, sabe? Quer dizer, não sei se existe esse ponto a que

se deve chegar, e que esse ponto que se pode chegar possa ser nomeado por outra pessoa que não seja Deus. E aí, é claro, não me interessa, se for Deus, que o nomeie.

Gabriela Rodrigues: Bem, vamos nos encaminhando para o final. Qual a atualidade de *Memórias do Cárcere* hoje? E de *Em liberdade*?

Silviano Santiago: Eu acho que os dois livros são um pouco incompatíveis, ou complementares, por assim dizer. Eu não gostaria de que acreditassem que *Em liberdade* é escrito para substituir *Memórias do Cárcere* ou que *Memórias de Cárcere* possa substituir *Em liberdade*. São duas situações paralelas, são duas situações que são resolvidas, uma, a partir da experiência pessoal, praticamente intransferível, e a segunda, a partir de uma experiência subjetiva, pessoal, desde que trabalhada pela linguagem e pela literatura é transferível e que você pode aceitá-la, acatá-la e trabalhá-la, por sua vez, de uma maneira outra, com vistas a que ela possa ser transmissível, transferível a outro. Eu acho que os dois livros, se por acaso, um deles eu tenho certeza, se por acaso o meu, continuar, a gente não sabe, se ele continuar, quer dizer, ele também representaria isso, não é? Que são dois momentos muito diferentes, não é? As dificuldades do cárcere e as dificuldades da liberdade, que a liberdade ali não é vista como uma festa, pelo contrário, você tem que se despojar, inclusive. É muito importante a leitura de Nietzsche, você tem que se despojar, se você quiser viver em liberdade plenamente, você tem que se despojar do ressentimento, porque se você não se despoja do ressentimento você encaminha sua vida para o sacrifício do cristão, você se torna um mártir. Eu acho que a grande questão que eu levanto é que não há necessidade de que Graciliano Ramos - que escreveu e experimentou na carne - se transforme num mártir. Eu acho que seria um empobrecimento da experiência dele. Ele está indo além da dor, mas ele está indo além da dor, além do sofrimento, de que forma? De uma forma apaixonada pela vida. Ele é um apaixonado pela vida, um apaixonado pela sobrevivência, que você poderá ver nitidamente na luta dele contra o câncer no final da vida. Eu acho que é isso que interessa, mas que pode salvar o proibido.

Gabriela Rodrigues: Essa questão do Nietzsche é o *amor fati*, aceitar a vida, brindar a vida, em todos os seus aspectos.

Silviano Santiago: É o que ele chama de sentimento trágico da vida. É muito bem analisado por Deleuze como dupla afirmação. Você afirma a vida tanto na dor quanto na alegria.

Gabriela Rodrigues: A última pergunta. Silviano Santiago é escritor, crítico literário, ensaísta, professor, um intelectual de múltiplos talentos. Me encaminho para o final desta entrevista lembrando que em 2009, o senhor entrevistou o escritor Autran Dourado para a *Revista Literária* e fez a ele a seguinte pergunta, que hoje será direcionada ao senhor: “Que conselhos você daria a um jovem que pretende seguir uma carreira semelhante à sua?”

Silviano Santiago: Gozado, desde ontem, que loucura isso, tem uma frase de Oswald de Andrade, que está na minha cabeça e não sai. É: “Ver com olhos livres”. “Ver com olhos livres”

[ênfatiza]. Está no *Manifesto Antropófago*. Eu acho que o mais importante é isso: “Ver com olhos livres”, sem amarras, sem rancores, sem preconceito, sem subserviência. Se puder, sem medo. Se puder. Porque talvez seja um dos sentimentos mais fortes. O medo é realmente forte. Mas o medo em Clarice é muito bonito, eu tenho escrito sobre isso; n sei se você conhece um texto pequeno de Clarice em que ela fala do medo, ela fala do medo de andar a cavalo e é muito bonito. Ela descobre pouco a pouco que o medo de andar a cavalo, no momento em que ela toma assento no cavalo e o cavalo dispara, é a força que ela encontra nela mesma para correr a cavalo. Quer dizer,  essa transformação do medo em força de vida, entende? Então, eu acho que é um dos mais poderosos sentimentos, e que talvez seja, o mais difícil de todos de ser trabalhado como afirmação. Fazer uma transformação dele em algo que não te prenda ao chão, mas em algo que te libere para uma cavalgada. É isso.

Gabriela Rodrigues: Obrigada.

Silviano Santiago: Eu que te agradeço.

REFERÊNCIAS

MORAES, Dênis de. **O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2012.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RODRIGUES, Rocha Gabriela. **Eu sou Graciliano / Graciliano sou eu: impressões gracilianas na interpretação de Carlos Vereza e Silviano Santiago**. 2019. 227 f. Orientador: Lcia S Rebello. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

SANTIAGO, Silviano. **Em Liberdade: uma ficção de Silviano Santiago**. 5. ed. Revista e atualizada. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

SANTIAGO, Silviano. **Silviano Santiago - A recriação de Graciliano Ramos na ficção** Em liberdade. Entrevista concedida a Gabriela Rocha Rodrigues. Rio de Janeiro, 05 de jun. 2015.

Recebido para publicação em: 4 set. 2024.

Aceito para publicação em: 26 set. 2024.